

FILOSOFIA NAS EMPRESAS



COLEÇÃO LIDERANÇA

- *Formando líderes servidores – seguindo os passos do Mestre Jesus*, Romério de Mello Santana
- *Filosofia nas empresas*, Jadir Mauro Galvão

JADIR MAURO GALVÃO

FILOSOFIA NAS EMPRESAS



Direção editorial: *Claudio Avelino dos Santos*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Revisão: *Manoel Gomes da Silva Filho*
Caio Pereira

Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Galvão, Jadir Mauro
Filosofia nas empresas / Jadir Mauro Galvão. – São Paulo: Paulus, 2014. –
(Coleção liderança)

ISBN 978-85-349-3852-5

1. Administração de empresas - Filosofia 2. Administração - Pesquisa 3.
Cultura corporativa I. Título. II. Série.

14-01367

CDD-658.001

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura corporativa: Administração de empresas 658.001

1ª edição, 2014

© PAULUS – 2014

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3852-5

Este não é essencialmente um clássico livro de filosofia como se entende nos dias atuais. Ele é pouco sistemático, bastante abrangente e nada conclusivo. Sobretudo pelo fato de que, ao que se sabe, ainda não há pesquisas sistemáticas sobre o tema em questão: *filosofia nas empresas*. Por esse motivo, cumpre-nos tão somente esboçar em um ensaio breve alguns poucos pontos que consideramos importantes no cotidiano interno do mundo corporativo e no meio em que ele está inserido, de modo a lançar um pequeno foco de luz quando observado pela ótica da filosofia.

Não se trata de avaliar a filosofia que determinadas empresas adotam para si, ou seja, a política que elas buscam empregar em seu cotidiano ou o conjunto de valores a que atribuem importância, mas sim verificar a práxis de algumas dessas organizações e tentar, escavando por debaixo da ação cotidiana e dos discursos habituais, desvendar a velada influência de alguma corrente filosófica. Observar se, por debaixo das condutas frequentes e dos paradigmas correntes, não existem conceitos, estruturas, objetivos e propósitos que sinalizem para a leitura de algum sistema filosófico que tenha ganhado preferência por um ou outro motivo qualquer. Será que não haveria um estatuto conceitual característico que poderia reger determinadas práticas comuns? A construção de uma *cultura corporativa* que permeasse seu imaginário, seus objetivos e suas práticas?

Para tanto, este texto pretende ser um guia para pesquisas sistemáticas futuras, mas desde já também estimula a romper com um padrão recorrente na própria filosofia. Para ir mais fundo nas questões ora apresentadas, será necessário recorrer a um método de pesquisa nada convencional nos dias de hoje: a *pesquisa de campo*. Se, como é a intenção do presente trabalho, pretendemos evidenciar a influência de determinadas correntes filosóficas na atmosfera corporativa, precisaremos experimentá-la, buscar nas entrelinhas dos discursos de seus componentes, buscar no sentido ou no significado de cada conduta seu

propósito, suas finalidades e seus motivos e, com isso, checar em seu pano de fundo as marcas distintivas de uma ou outra corrente filosófica.

Por agora, aproveitaremos nossa experiência de longos anos vividos nesse meio para pelo menos colocar em questão alguns dos temas que pretendemos que sejam melhor explorados em outro momento. Foram até agora trinta e cinco anos vividos dentro de pequenas, médias e grandes empresas brasileiras e multinacionais. Aliás, acabei por aportar na filosofia justamente por perceber que existiam “padrões” de conduta característicos que, independentemente da empresa, do departamento ou da liderança, acabavam por se repetir amiúde. As condutas se repetiam sistematicamente sem que houvesse, ao menos na superfície mais aparente, razões tangíveis que as justificassem. Foi justamente a busca pelas razões que poderiam oferecer sentido a esses padrões que me conduziu por entre as vielas estreitas e becoss, às vezes sem saída, do pensamento do ser humano.

Acreditamos que nossa maior dificuldade será abordar os temas em questão de um modo acessível ao público leigo em matéria de filosofia, todavia sem perder profundidade de reflexão. Buscaremos, ao máximo, evitar uma linguagem árida ou enfadonha também no intuito de convidar o leitor a avançar na leitura, bem como despertar seu desejo por se aventurar em outros textos filosóficos.

No mais, boa leitura a todos!

Pensamos, mas nem sempre o que pensamos presta! São pensamentos esparsos, desordenados, desgovernados. Buscamos colocar ordem nos pensamentos e depois escrevemos. Mas nem sempre o que escrevemos presta! São escritos que revelam os mesmos pensamentos esparsos e desordeiros. Quando fazemos a leitura, toda a desordem e a incipiência se revelam aos nossos olhos. São pensamentos novos que teimam em não se render aos formatos estabelecidos nos conceitos e na linguagem. Teimam em desejar algo novo, um novo modo de se expressar. Reescrevemos, e aí a tirania da linguagem e dos conceitos ceifa boa parte dos pensamentos, que acaba por se conformar com a linguagem e o entendimento. Lemos e percebemos que grande parte dos pensamentos não encontrou abrigo no interior dos conceitos e da linguagem. Reescrevemos... reescrevemos e, quando somos lidos, encontramos comentários que nos dizem que o que pensávamos escrever também não foi entendido como queríamos. Quem sabe não existem dentro de nossos próprios pensamentos ideias das quais não nos dávamos conta e que por vontade própria se esparramaram por entre as linhas do que queríamos escrever. Repensamos e reescrevemos, buscando o sentido original dos pensamentos. Mas o que escrevemos ganha vida própria quando ganha leitores. Mas de que valeriam pensamentos se não pudessem expressá-los? De que valeriam os escritos se não fossem lidos? Na comunhão entre o mal escrito, o mal pensado, o mal interpretado, tudo isso vai ganhando forma, contornos e conteúdos novos. Novos leitores, novos debatedores, novos fãs e novos críticos. Tudo isso nos faz ver quanto uma iniciativa simples pode fazer os pensamentos ganhar novas fronteiras. Novas cidades, novos estados, novos países, novos leitores. Escrever um livro, sobretudo dentro de um tema até então pouco explorado, é estar sujeito a toda sorte de críticas. Claro, não há críticas a serem dirigidas a páginas em branco, tampouco a pensamentos mudos. Desse modo cumpre-se a sina do filósofo: pensar e fazer pensar, mas que não sejam apenas pensamentos, e que a eles se sucedam ações orquestradas por esses mesmos pensamentos. Cumpre-nos produzir

mais do que apenas pensamentos, e sim *pensações*. Pensações forjadas não num ambiente meramente abstrato, mas perseguindo o ideal de estar em harmonia com a música das esferas. Que tenha a capacidade de criar acordes harmônicos mesmo em dissonância com uma realidade ideologicamente pré-configurada. Expressão de um jogo de tensões presente na evolução, na configuração ou na refiguração da realidade.

Desde que decidi iniciar o curso de filosofia, depois de quase trinta anos vividos dentro do mundo corporativo, eu informava, entre um assunto e outro, esse fato para outras tantas pessoas. A maioria desses ouvintes revelava de pronto sua surpresa e, com o rosto estampado de espanto, admiração e surpresa, parecia figurar na frente um enorme ponto de interrogação em negrito, que, ao se desvanecer parcialmente, dava origem à pergunta: “... Que legal... você vai dar aulas?”.

De fato, ainda hoje sinto que a estupefação ainda toma conta do ouvinte incauto ao se deparar com qualquer coisa que se refira à filosofia. Parece haver uma associação direta com um odor poeirento e aquele ar sombrio e inóspito do qual desfruta aquela parte da biblioteca onde o chão pouco ou nada se desgasta. Parece que, se pudéssemos procurar o verbete no dicionário do lugar-comum, encontraríamos: “Filosofia: ocupação inútil na qual indivíduos ociosos discutem o sexo dos anjos ou outras tantas banalidades sem a menor relevância para o dia a dia das pessoas, restrita a doutos soberbos ou a desempregados após a ingestão de alucinógenos”.

De qualquer modo, é certo que o ferramental de que se valem os ditos filósofos é de difícil manipulação e digestão. A construção racional isenta de contradições e/ou a busca árida das extremidades mais céticas dos primeiros princípios parecem ir muito além do argumento mais comum que se desfecha num taxativo: “... essa é a minha opinião!”. Muitos não se dão conta de que, mesmo numa conversa de botequim, quando se discute sobre as decisões do governo ou sobre a injusta demissão de algum colega, estamos, de alguma forma, filosofando. Quando, em época de eleições, defendemos determinado candidato desfazendo de outro, assumimos posições ideológicas de que nem sempre temos em conta suas bases, muito menos as consequências e as implicações. Até mesmo o mais comum dos debates sobre o futebol está abarrotado de posições filosóficas.

Hoje, após alguns programas de TV nos quais o assunto foi abordado, mesmo que timidamente, têm aparecido em bancas de jornal diversas publicações sobre o tema e as prateleiras das livrarias têm sido adornadas com títulos sobre Platão, Maquiavel e outros tantos mais. Parece que nossa amiga “Filó” tem ganhado algum espaço e ficou *cult*. Até outros apócrifos com temas epistemológicos de pano de fundo, como “Matrix”, ou os temas da filosofia contemporânea abordados de forma brilhante por Steven Spielberg em “AI – Inteligência artificial” parecem nos surpreender na nossa mais descomprometida diversão. Cafés filosóficos espocam, nos diversos recônditos da cidade, nas mais diversas horas do dia, despertando uma procura inusitada, demonstrando um interesse emergente por um tipo de entretenimento “não alienado”, “não efêmero”, que tem a capacidade de atrair públicos pouco ou nada ortodoxos num convite ao livre filosofar.

De fato, a esse público pode não interessar o rigor de um curso de graduação ou pós-graduação *stricto sensu*, mas isso não deve ser um empecilho para o debate filosófico sério nem tampouco sugere que o indivíduo se lance de forma temerária numa leitura de Kant ou de Hegel descalço, sem um escudo protetor ou ao menos um digestivo. A proposta, ao discutirmos filosofia aqui, é oferecer ao curioso um guia para orientá-lo na exploração, como num safári filosófico. Ao interessado, um contendor que possa desafiá-lo a ultrapassar barreiras comuns de uma leitura superficial; ao estudioso, uma problematização mais complexa na qual ele possa alçar voos mais altos. Justamente discutindo filosofia num campo onde ela tem revelado mais simpatizantes: as empresas. Para esse leitor, habituado aos problemas comezinhos do dia a dia das empresas, ter a oportunidade de refleti-los a partir de outra perspectiva pode levá-lo a ter novo ângulo de percepção, mas somente isso terá a capacidade de resolvê-los?

Aí está a chave que descortina a intenção deste escrito. Anos atrás, assistindo a um vídeo de uma série chamada “Tudo sobre”, no episódio “Tudo sobre: beleza”, uma das abordagens que mais me intrigaram foi sobre os fractais. Se me lembro bem, um desses órgãos americanos, sem coisa melhor a ser feita, fotografou uma cadeia de montanhas através de um satélite e submeteu determinada foto a um programa de

computador para que este esquadrinhasse o espectro de cores apreendidas pela foto – e assim foi feito. Outra foto da mesma cadeia de montanhas e do mesmo satélite foi tirada, só que agora puxando um acentuado *zoom*, e também submetida ao mesmo programa de computador. Qual não foi a surpresa quando o *software* ofereceu como resposta os mesmos percentuais obtidos na primeira foto. Mais uma foto de outro ponto mais específico da cadeia de montanhas, só que agora de avião. O mesmo percentual se apresentou. Falha no *software*? Não! Outra foto, agora de dentro, no meio da mata, e o mesmo percentual! Os “cientistas” acharam por bem, deliberadamente, plantar uma árvore que teria a capacidade de modificar esse espectro. Assim foi feito, e a mudança se deu também no computador, e o percentual da foto interna da cadeia de montanhas também se modificou. Meses mais tarde, o mesmo experimento foi repetido, partindo-se da foto interna da floresta, e o novo percentual de cores se manteve, porém as outras fotos de avião e de satélite já apresentavam a nova configuração de cores, sem que o olho nu assim as percebesse.

Experiências com fractais reproduziram as mesmas características apontadas na natureza. Mistério? Não importa! O que restou em mim depois disso? Desde minha tenra juventude, fui aquele sonhador que queria mudar o mundo, mas, sendo o mundo muito grande, com milhões e milhões de pessoas, restaria a mim um esforço hercúleo para atingir meu intento. No entanto, esse sonho nunca me abandonou. Mas como viabilizá-lo? O vídeo mostrou-me como! Minha ação diária, comprometida, ética, com um sorriso no rosto terá a capacidade de impactar positivamente ao menos um fragmento da sociedade. E, com força e tenacidade suficientes, mantendo a perseverança, provavelmente este pequeno fragmento da sociedade vai adquirir um novo espectro de cores e impactar o outro fragmento adjacente e assim por diante, até que em determinado momento, como num efeito borboleta, o mundo vai, então, se transformar. Mas como garantir a direção dessa mudança? Estudando filosofia? Aí está nosso propósito!

Quanto ao modo de apresentação desta que considero uma colcha de retalhos filosófica, pretendia sistematizar melhor alguns temas, mas abandonei a pretensão, pois os textos criados ao longo do tempo foram

ganhando vida própria e sentido próprio. Restou-me simplesmente agrupá-los em três grandes grupos: 1) o primeiro deles trata de uma tentativa de localização da problemática das empresas em relação ao tempo histórico tanto quanto eventuais correntes filosóficas que podem ter deixado sua marca indelével. Inclusa aqui está a origem das empresas, quando surgiram e em que meio fincaram suas raízes para que tivessem hoje tal configuração; 2) o segundo grande grupo é o das ilusões. Algumas práticas e alguns conceitos dentro de empresas são tão recorrentes que parecem completamente naturais, tanto quanto imutáveis. Busco revelar aquilo que poderia ser um significado para algumas dessas práticas e desses conceitos, bem como questionar se ainda fazem sentido. Por fim, 3) a tentativa é concatenar as empresas dentro de um contexto mais amplo, de sociedade, governo e planeta, e situá-las no tocante ao futuro. De modo algum pretendo esgotar o que pode ser falado quanto ao passado, ao presente e ao futuro, mas, quando muito, fustigar um emaranhado de ideias e levantar um bom tanto de poeira, para ver se depois tudo isso pode ganhar assento.